



UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO PRÓLOGO DO *CICLOPE*, DE EURÍPIDES

VANESSA RIBEIRO BRANDÃO

Universidade Federal de Minas Gerais

(Brasil)

RESUMO

O *Cíclope*, do tragediógrafo Eurípides, é o único drama satírico, escrito e apresentado no século V a.C., que chegou inteiro até nós, por isso é usado como referência do gênero, marcado por seu barulhento coro de sátiros e o velho Sileno como pai deles. A única tradução completa para o português brasileiro é da década de 80, do helenista Junito Brandão, feita em prosa. Portanto, a fim de provocar reflexões a respeito da peça e do gênero, além de atualizar a sua recepção, neste trabalho é proposta uma nova tradução para o prólogo do *Cíclope*, em verso livre.

ABSTRACT

Euripides' *Cyclops* is the only written and presented satyr drama from the fifth century BC which we know completely, so it is used as a reference. The gender is marked by its noisy chorus of satyrs and the old Silenus as their father. The only complete translation into Brazilian Portuguese was made in prose in the 1980's, by the Hellenistic Junito Brandão. Therefore, in order to provoke reflections on the play and the gender, and also to



update its reception, this paper proposes a new translation for the prologue of the *Cyclops*, in verse.

PALAVRAS-CHAVE:

Cíclope–Drama satírico–Sileno–Tradução.

KEYWORDS:

Cyclops–Satyr drama–Silenus–Translation.

A peça *Cíclope*, de Eurípides, é o único drama satírico que chegou até nós quase inteiro. Ele apresenta características que são típicas do gênero, como o coro de sátiros jovens e o velho sátiro-pai Sileno em alguma situação adversa, um mito conhecido com temas pastoris, associações com Dioniso, trocadilhos sexuais e uma deliciosa comicidade satírica.

Em português brasileiro, existe, atualmente, apenas uma tradução, do ano de 1987. No entanto, tem crescido o gosto pelo gênero e, junto a isso, a pesquisa, de forma que haverá, além da minha, mais traduções dessa peça para o português em breve.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de tradução para o prólogo da peça, proferida por Sileno. Tal tradução faz parte da minha pesquisa de doutorado, cujo objetivo é traduzir a peça inteira, dando ênfase no seu caráter teatral, ou seja, visamos a um texto em português brasileiro com um fim performático, uma vez que o texto de Eurípides em questão é teatro.

Devido a esse propósito, fizemos alguns ajustes relacionados à gramática do português oral brasileiro, como a ordem direta das frases, isto é, sujeito/verbo/complemento, e o uso do “você”, que é um pronome de tratamento conjugado como 3ª pessoa, em vez do “tu”, pronome oficial de 2ª,



para se referir à 2ª pessoa. Optamos, ainda, pela mistura do “você” com pronomes oblíquos átonos da 2ª pessoa do singular, o “te”, por ser muito comum na oralidade brasileira, apesar de ser considerado erro gramatical. Há também, o uso de “a gente” em vez de “nós”, 1ª pessoa do plural.

Em respeito à natureza do texto e por facilidades linguísticas de entendimento, mantivemos a tradução em verso. No entanto, por causa da questão, já mencionada, da ordem direta das frases, muitas vezes os versos se misturam, ou seja, palavras de um determinado verso aparecem traduzidas no verso seguinte ou anterior, a fim de se manter a ordem sujeito/verbo/complemento. Além disso, escolhemos um vocabulário simples e comum, mas que, obviamente, respeita a semântica na língua de saída; e demos preferência a palavras palatáveis e de fácil pronúncia, em respeito ao caráter performático do texto.

No prólogo do drama satírico, assim como o da tragédia, há uma contextualização da peça. Diferentemente dos outros prólogos, no entanto, Sileno não se dirige ao público para contextualizá-lo, mas a Dioniso, para reclamar de sua situação atual de escravo. Tanto que a frase inicial é “Ô, Brômio, por sua causa tenho muito trabalho”. A partir daí, ele conta todas as aventuras que teve ao lado de Dioniso, como ele e seus filhos, o coro de sátiros, tiveram trabalho para estar junto do deus e protegê-lo, para acabarem no monte Etna, onde são escravos. Sileno reclama, narra e explica, para que o público entenda o que está acontecendo. Dessa forma, inclusive, podemos visualizar a cena: Sileno encontra-se numa gruta suja; na sua mão leva um ancinho de ferro, e com ele tenta varrer a gruta (v. 33) enquanto fala o prólogo. No final, aparecem os sátiros fazendo muito barulho e dançando a siquínis, junto às ovelhas que vão pastorear (v. 37-40).



Além da explicação do tempo presente, as narrativas passadas são essenciais para descrever a angústia de Sileno ao viver de escravo de Polifemo e estar afastado de Dioniso. Devido a isso, Sileno usa a palavra agora (vũv) três vezes (v. 3, 33, 38) e também vários advérbios e conjunções que podem ser traduzidos por “quando” (v. 9, 12) justamente para comparar presente e passado, a fim de fundamentar as suas queixas. As guerras e batalhas ao lado de Dioniso são tão ruins quanto o que ele está vivendo agora. Vejamos toda essa fadiga, com ênfase no v. 10, que é conclusão do que ele contava anteriormente.

ΣΙΛΗΝΟΣ

ὦ Βρόμιε, διὰ σὲ μυρίους ἔχω πόνους
vũv χῶτ' ἐν ἥβῃ τοῦμόν εὐσθένεια δέμας·
πρῶτον μὲν ἥνικ' ἐμμανὴς Ἥρας ὑπο
Νύμφας ὀρείας ἐκλιπὼν ὠϊχου τροφούς
ἔπειτά γ' ἀμφὶ γηγενῇ μάχην δορὸς 5
ἐνδέξιός σῶι ποδὶ παρασπιστὴς βεβῶς
Ἐγκέλαδον ἰτέαν ἐς μέσσην θενῶν δορὶ
ἔκτεινα –φέρ' ἴδω, τοῦτ' ἰδὼν ὄναρ λέγω;
οὐ μὰ Δί', ἐπεὶ καὶ σκυλ' ἔδειξα Βακχίῳι.
καὶ vũv ἐκείνων μείζον' ἐξαντλῶ πόνον. 10

“SILENO

Ô, Brômio, por sua causa, tenho muito trabalho
agora e na juventude, quando era forte este meu corpo:
primeiro quando você, enlouquecido por Hera,
abandonou as ninfas do monte, suas babás;
e depois contra filhos da terra, em batalha de lança, 5
fui um aliado à direita do seu pé,
matei Encélado, ferindo no meio do escudo com uma lança
–deixa eu ver... isso que digo vi num sonho?
Não, por Zeus! Eu mostrei os restos para Baco!–
E agora me esgoto com mais trabalho do que aqueles.” 10

No verso 2, ele coloca o “agora” semelhante ao passado nas dificuldade por causa de Dioniso. Seaford chama atenção para o trocadilho sexual que pode ser interpretado por essa passagem (1984: 92-93). A palavra τοῦμόν (acusativo de τοῦμός) é uma contração de τὸ e ἐμόν, dando ênfase ao sentido de



“meu/minha”, o que pode ser traduzido por “este meu/esta minha”. Τοῦμὸν refere-se a δέμας, palavra derivada do verbo δέμω, “contruir”; δέμας seria, então, “construção”, “estatura”, mas geralmente se traduz por “corpo”. O “corpo” é sujeito de um verbo, εὐσθένει, 3ª do singular do pretérito imperfeito do indicativo, voz ativa, de εὐσθένέω, que, segundo o *Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon* (1888: 333), seria “be strong”, ser “forte”, “rígido” (de σθένος, “força”) ou “vívido, animado”. Logo, “este meu corpo” pode estar se referindo ao Sileno por inteiro ou ao seu falo. Afinal, Sileno é um sátiro velho, sem o vigor, inclusive sexual, que agora, jovens, os seus filhos possuem.

No entanto, εὐσθένει também pode vir de εὐθενέω, “vicejar”, “florescer”, citado por Seaford (1984: 92-93). A tradução argentina do v. 2, por Eduardo Mier y Barbery, preferiu εὐθενεῖν como “florida”, relacionada com o substantivo “juventude”, ficando: “semejante a los de mi florida juventud” (2008: 329).

Nos v. 3-4, Sileno narra Dioniso louco abandonando suas cuidadoras. A citação desse episódio pode se referir à época em que Sileno foi tutor de Dioniso, além de evidenciar sua fidelidade ao deus na adversidade, até mesmo aquela criada por outro deus.

No v. 6, Sileno usa um termo de guerra, παρασπιστής, e depois um parecido no v. 39, συνασπίζοντες, que é um particípio plural do verbo συνασπίζω. Ambos têm no radical a palavra escudo, ἀσπίς, denotando um vocabulário guerreiro. Para enfatizar esse caráter vocabular, optamos pela palavra “aliado”. Esse falar bélico de Sileno remete a características que não lhe são próprias, principalmente quando se refere ao uso da lança (δορός). A ideia da lança no meio do escudo remete ao ato sexual, muito mais coerente com o personagem Sileno.



Os v. 8-9 estão entre travessões, pois se trata de um momento em que Sileno fala com ele mesmo. A expressão φέρε' ἴδω é traduzida em inglês como “Come let me see!” (Simmonds; Timberlake, 2002: 29). Seaford (1984: 96) explica como um momento em que Sileno duvida do que ele mesmo havia dito, pensando ser um sonho. Trata-se de uma estratégia cômica. Como duvidar ou não ter certeza de situações tão perigosas e marcantes? A autoexposição de Sileno reforça ainda sua velhice, expressa aqui por uma leve caduquice.

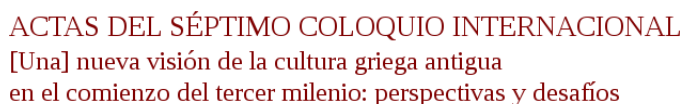
A partir do v. 11, Sileno narra o encontro de Dioniso com os piratas, presente no hino homérico VII, dedicado a ele (Gramacho, 2003, 4-5). Nesse episódio o velho sátiro é marinheiro, junto aos filhos. Interessante pensar que, mais uma vez, ele tem a lança (v. 15) e fica na “ponta do mastro”.¹

ἐπεὶ γὰρ Ἥρα σοι γένος Τυρσηνικὸν
ληιστῶν ἐπῶρσεν, ὥς ὁδηθείης μακράν,
<ἐγὼ> πυθόμενος σὺν τέκνοισι ναυστολῶ
σέθεν κατὰ ζήτησιν. ἐν πρύμνῃ δ' ἄγκραι
αὐτὸς λαβὼν ἠϋθυον ἀμφῆρες δόρυ, 15
παῖδες δ' <ἐπ'> ἐρετμοῖς ἡμενοὶ γλαυκὴν ἄλα
ῥοθίοισι λευκαίνοντες ἐζήτουν σ', ἄναξ.

“Porque, quando Hera levantou contra você
um grupo de piratas tirrênicos, para te vender lá longe,
eu, ao saber, com meus filhos naveguei
à sua procura. Na ponta do mastro
eu dirigia, com a lança em meu poder 15
e os filhos, sentados, com remos que colidem
e branqueiam o mar esverdeado, procurava você, mestre.”

Os filhos golpeiam o mar verde com os ramos, branqueando-o. Além de ser uma imagem bonita a evolução das cores, o remo que fere e produz a espuma branca do mar remete à ejaculação, semelhante àquela de Cronos que deu origem à Afrodite (Hesíodo. *Teogonia* 195). Como não deviam ser bons

¹ Agradeço ao colega Guilherme Rodrigues, que também publica neste volume, pela observação.



ἤδη δὲ Μαλέας πλησίον πεπλευκότας
ἀπηλιώτης ἄνεμος ἐμπνεύσας δορὶ
ἐξέβαλεν ἡμᾶς τήνδ' ἐς Αἰτναίαν πέτραν,
ἴν' οἱ μονῶπες ποντίου παῖδες θεοῦ
Κύκλωπες οἰκοῦσ' ἄντρ' ἔρημ' ἀνδροκτόνοι.
τούτων ἑνὸς ληφθέντες ἐσμέν ἐν δόμοις
δοῦλοι· καλοῦσι δ' αὐτὸν ᾧ λατρεύομεν
Πολύφημον· ἀντὶ δ' εὐίων βακχευμάτων
ποιμένας Κύκλωπος ἀνοσίου ποιμαίνομεν.

“Mas navegando já perto da Mália,
um vento leste, soprando,
lançou o navio com a gente para a pedra do Etna, 20
onde os filhos caolhos do deus do mar,
os Ciclopes, matadores de homens, habitam grutas vazias.
Por um desses fomos tomados e estamos na sua casa,
escravos! E chamam o que servimos de
Polifemo: e em vez dos iós báquicos, 25
pastoreamos ovelhas do Ciclope profano.”

A partir daí, Sileno aborda a sua situação atual. Agora a contraposição se dá entre a função dele e dos filhos, principalmente devido à diferença de idade: ele, velho, enche os bebedouros e varre a casa, enquanto os filhos, jovens, partilham as jovens ovelhas. O verbo νέμω é usado para a partilha de comida e bebida, mas para rebanhos e ovelhas, ele se refere à ação de pastoreá-las.

παῖδες μὲν οὖν μοι κλειτῶν ἐν ἐσχάτοις
νέμουσι μῆλα νέα νέοι πεφυκότες,
ἐγὼ δὲ πληροῦν πίστρα καὶ σαίρειν στέγας
μένων τέταγμαι τάσδε, τῷδε δυσσεβεῖ 30
Κύκλωπι δειπνῶν ἀνοσίῳ διάκονος.



καὶ νῦν, τὰ προσταχθέντ', ἀναγκαίως ἔχει
σαίρειν σιδηρᾷ τῆιδέ μ' ἄρπάγῃ δόμους,
ὥς τόν τ' ἀπόντα δεσπότην Κύκλωπ' ἐμὸν
καθαροῖσιν ἄντροις μῆλά τ' ἐσδεχόμεθα. 35

Enquanto meus filhos, no fim do morro,
partilham as ovelhas jovens, jovens cuidadores,
eu fico enchendo bebedouros e varrendo o lar,
minha obrigação. Por obrigação também, sirvo 30
comidas profanas a esse Ciclope blasfemo.
E agora, as ordens dadas: à força
varrer a casa com este ancinho de ferro,
para, nas grutas limpas, receber o meu amo
Ciclope, que está ausente, e as ovelhas. 35

O trabalho de Sileno se estende ainda a servir comida a Polifemo. A ênfase na adjetivação de Polifemo (v. 26, 31) e de sua alimentação (v. 31) reforça a temática religiosa. Sileno não só chama o Ciclope de blasfemo, como também suas refeições. É repugnante para um ser tão fiel a um deus ser obrigado a servir a um descrente comidas tão profanas, enquanto poderia estar cultuando Dioniso com os iós báquicos, como já foi evidenciado anteriormente. Torna-se, assim, uma situação religiosa ainda mais problemática, uma vez que serve ao Ciclope “refeições profanas”, ou seja, é obrigado a corroborar com a situação de incredulidade em que Polifemo se encontra. Sileno não descreve que comida horrível é essa, mas, como no v. 22 ele chama os Cyclopes de “matadores de homens” e ao longo da peça os companheiros de Odisseu viram alimento, talvez o banquete fosse a carne humana.

Após abordar a blasfêmia de Polifemo, Sileno volta a descrever seu serviço. Segundo Seaford (1984: 102), o v. 33 é uma repetição do 29 (entre eles está a questão da comida do Ciclope). Neste Sileno explica sua tarefa (varre os abrigos) em contraposição às tarefas de seus filhos jovens, que é fora do lar. No 33, ele explica que a varredura é feita “com este ancinho de ferro” (σιδηρᾷ τῆιδέ μ' ἄρπάγῃ). Tal afirmação é importante por dois motivos. O primeiro é



que a varredura dentro de casa por um instrumento típico de jardins torna o trabalho e a vida de Sileno mais miserável ainda, reforçando suas reclamações ou sua burrice, por não saber o instrumento certo para varrer a casa ou simplesmente sua inexperiência em trabalhos domésticos. O outro motivo é a didascália pelo pronome este (τῆιδέ), o que nos impele a pensar que Sileno segurava o ancinho nas mãos desde o início do prólogo.

O pesquisador explica, ainda, que há certa ironia na expressão “grutas limpas” (v. 35; 34 da tradução). Pode-se entender que uma gruta onde habitam ovelhas e um monstro gigante comedor de carne humana não pode estar limpa, principalmente se for varrida com um ancinho de ferro.

A partir do v. 36, há outra didascália: os sátiros chegam dançando a siquínis, dança típica do drama satírico, conhecido por ser barulhenta, com muitos saltos.

ἤδη δὲ παῖδας προσνέμοντας εἰσορῶ
ποιμνας. τί ταῦτα; μῶν κρότος σικινίδων
ὁμοῖος ὑμῖν νῦν τε χῶτε Βακχίῳ
κῶμος συνασπίζοντες Ἀλθαίας δόμους
προσῆιτ' αἰοδαῖς βαρβίτων σαυλούμενοι; 40

E já vejo meus filhos levando os rebanhos
para pastar. Que é isso? Não é o barulho da siquínis
agora? Igual a de quando vocês, aliados
de Baco no cortejo na casa de Althaia,
dançavam à música da lira? 40

A alegria e barulho dos sátiros faz Sileno lembrar a casa de Althaia. De acordo com a *Biblioteca* de Apolodoro, ela era casada com Eneu, rei de Calidon, que foi o primeiro a cultivar a vinha, recebida de Dioniso (I.8.1). Uma das filhas do casal, Dejanira, segundo dizem, era, na verdade, filha de Dioniso. O caso com Dioniso e o cultivo da vinha deixam a casa de Altheia um tanto quanto interessante para Sileno e os sátiros. Nos versos 39 e 40, Sileno lembra que os sátiros eram aliados (συνασπίζοντες) de Baco na casa de Althaia, ou seja,



deviam ajudar o encontro dos amantes dançando a siquínis ao som da lira, tomando vinho, já que era fruto exclusivo do dono da casa, dado de presente pelo deus.

Ao longo do prólogo, podemos perceber que Sileno, como muitos personagens euripidianos, pode ser muito persuasivo. Com suas reclamações infundáveis e a descrição permonerizada de suas frustrações ele argumenta com o deus para que o salve dali. Talvez atendendo à preces de Sileno, Dioniso chega à ilha em forma de vinho e resgata os prisioneiros. Mas tal episódio da peça ainda está em fase de estudo e vai ficar para uma próxima oportunidade.

BIBLIOGRAFIA

- BARBERY, E. M. (trad.) (2008) “El Cíclope”, em *Eurípides. Teatro completo II*, La Plata: 329-350.
- BRANDÃO, J. (trad.) (1987) “O ciclope”, em *Eurípides. Um drama satírico: O ciclope e duas comédias: As rãs; As vespas*, Rio de Janeiro: 37-68.
- GRAMACHO, J. (trad.) (2003) *Hinos Homéricos*, Brasília.
- LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. (1888) *Greek-English Lexicon*, Oxford.
- SEAFORD, R. (trad.) (1984) *Euripides. Cyclops*, Oxford.
- SIMMONDS, D. M. & TIMBERLAKE, R. R. (2002) *Euripides. The Cyclops*, London.